

Nós, os Palhaços

Rubem Braga

O CARIOCA, outrora alegre e gentil, virou grosseiro e irritadiço. Sai de casa pela manhã como quem sai para uma briga; mantém para com o colega de ~~bonde~~, ônibus ~~ou lotação~~, uma atitude de «neutralidade anti-pática» e, para com o motorista ou cobrador, de «beligerância em potencial». Não cede o lugar a nenhuma senhora, e defende a tese de que tôdas as senhoras e senhoritas vão à cidade apenas para comprar um carretel; e quando cede lugar a uma dama bonita acha que adquiriu com isso o direito de ser louca e imediatamente amado pela mesma.

O chofer considera todo colega um «barbeiro» e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio. O «garçon» irrita-se porque o freguês tem a veledade de lhe pedir alguma coisa, e cada freguês acredita ter o privilégio natural de ser servido em primeiro lugar. Em resumo: o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro é hoje um «palhaço».

Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e este quase se chocou com um carro particular. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos:

— Palhaço!

— Palhaço!

Confesso que eu mesmo, que não entrei na conversa, me senti também um pouco palhaço. Ou pelo menos um membro do circo — este vasto circo de neurastênicos...

17/9/66

DN - 18. - 1. 58

DN Set. 69